

CAMAREIRAS MULHERES INVISÍVEIS



A cada vez que entramos em um quarto limpo de hotel ou hospital, raramente pensamos em quem preparou aquele ambiente. Por trás do conforto e da sensação de acolhimento, há mãos que trabalham silenciosamente.

NEGUIM DA PIMENTA



CAMAREIRAS – MULHERES INVISÍVEIS
NEGUIM DA PIMENTA

Quem é?



Neguim da Pimenta é um empresário da periferia de Ceilândia que construiu sua trajetória com trabalho, visão e forte ligação com a comunidade onde nasceu e cresceu. Atuando nos setores de alimentos e combustíveis, ele se destaca como um empreendedor que transformou oportunidades em negócios sólidos, gerando empregos, promovendo inclusão e movimentando a economia local.

Com raízes firmes na quebrada, Neguim da Pimenta carrega a vivência da periferia e a negritude como pilares de sua identidade e como motor de suas decisões. Valoriza o esforço diário, a honestidade, a diversidade e o compromisso com as pessoas, abrindo caminhos para que outros também cresçam. Sua história representa a força do empreendedor periférico e negro que enfrenta desafios, rompe barreiras e prospera sem perder a identidade, o orgulho de onde veio e o compromisso com a transformação social.

As invisíveis que sustentam o conforto



A cada vez que entramos em um quarto limpo de hotel ou hospital, raramente pensamos em quem preparou aquele ambiente. Por trás do conforto e da sensação de acolhimento, há mãos que trabalham silenciosamente. São as camareiras – mulheres, majoritariamente negras e de origem humilde – que seguem invisíveis, apesar de sua importância central para o funcionamento do setor de serviços no Brasil.

Estima-se que milhares dessas profissionais atuem em hotéis, pousadas, motéis e hospitais por todo o país. São responsáveis por arrumar camas, limpar banheiros,

trocar enxovais, organizar espaços e garantir que tudo esteja impecável. Em geral, uma camareira realiza a limpeza de 10 a 20 quartos por jornada, enfrentando ritmos acelerados e metas desumanas.



Gênero, classe e cor: uma intersecção de opressões



O trabalho das camareiras é expressão clara de uma sociedade patriarcal e racista. As empresas utilizam estereótipos de gênero para justificar a contratação preferencial de mulheres em funções de cuidado e limpeza. Além disso, a composição da mão de obra vem sendo marcada pela presença crescente de mulheres imigrantes – venezuelanas e haitianas – que enfrentam duplas ou triplas vulnerabilidades: como mulheres, pobres, estrangeiras e racializadas.

As políticas de flexibilização da mão de obra tornam esse cenário ainda mais cruel. As camareiras têm seus direitos ignorados, sofrem segmentações internas entre contratadas e terceirizadas, e enfrentam o risco constante da substituição. Esse ambiente estimula conflitos internos, destrói laços de solidariedade e impede a construção de ações coletivas por melhorias.

Intensificação do trabalho e adoecimento físico e mental

Com a crescente competitividade no setor hoteleiro e hospitalar, as camareiras enfrentam intensificação brutal de seu trabalho. Jornadas que deveriam durar 8 horas facilmente extrapolam para 10, sem compensações. Muitas relatam que continuam trabalhando mesmo após o término de sua jornada, sendo pressionadas a concluir tarefas impostas em excesso.

Essa sobrecarga gera consequências graves: dores crônicas, transtornos musculoesqueléticos, distúrbios do sono, estresse, fadiga, depressão, uso excessivo de medicamentos, hipertensão e envelhecimento precoce. O ambiente de trabalho insalubre, a exposição a produtos químicos, a falta de equipamentos de proteção e o descaso com pausas e ergonomia agravam ainda mais a situação.

O trabalho excessivo e um ambiente de trabalho que não oferece as condições mínimas de saúde trazem consequências graves: dores que não passam, problemas nos músculos e ossos, dificuldade para dormir, estresse constante, cansaço extremo, depressão, o uso exagerado de remédios, pressão alta e até envelhecimento antes da hora.



Camareiras – Mulheres Invisíveis



Maria

Assédio sexual: uma ferida aberta no setor turístico



Além da sobrecarga e da invisibilidade, o assédio sexual é uma triste realidade para muitas camareiras. A estrutura dos hotéis e a naturalização do corpo feminino como objeto de serviço favorecem interações abusivas por parte de hóspedes. Em um setor onde "o cliente tem sempre razão", denúncias são raras e, quando feitas, nem sempre são acolhidas ou investigadas com seriedade.

O assédio é mais recorrente entre mulheres negras, imigrantes e jovens – alvos de uma cultura racista e machista que precisa ser urgentemente combatida com políticas de proteção, acolhimento e responsabilização institucional.

Reconhecimento e valorização: uma urgência social



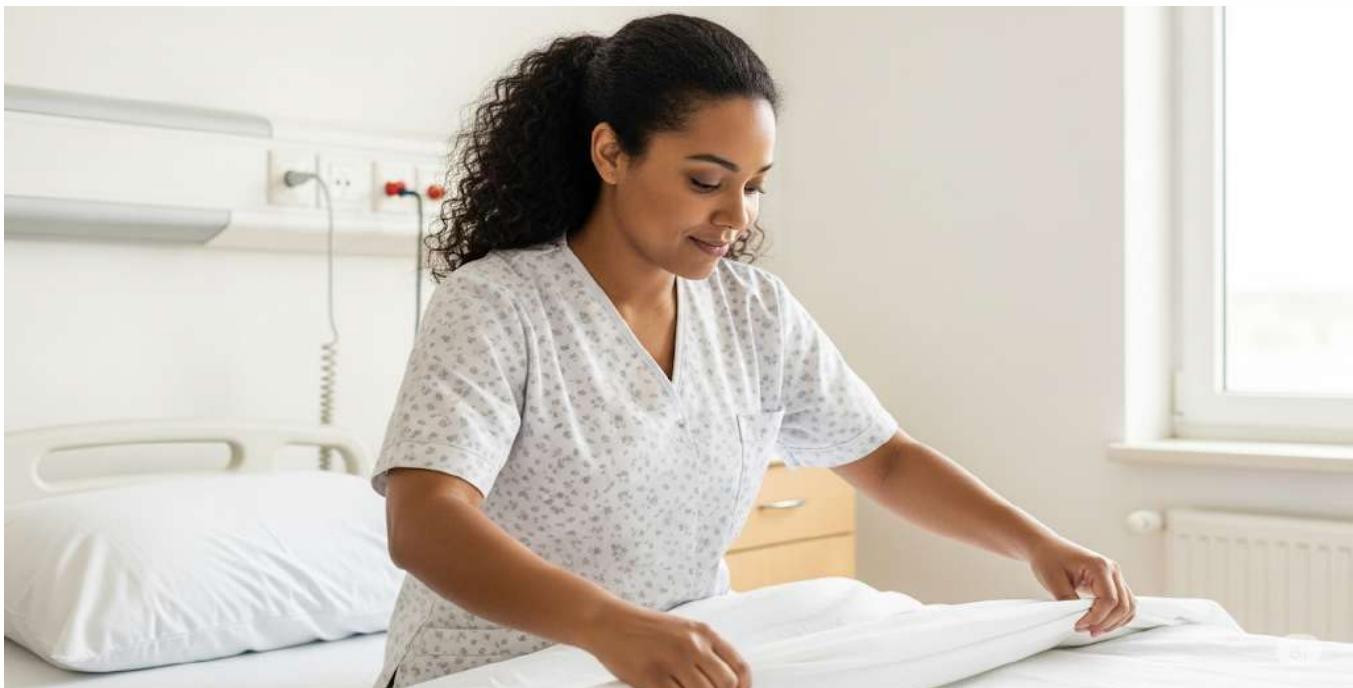
“

Em minhas viagens pelo Brasil, percebi que as camareiras seguem sendo o elo invisível da hospitalidade. São profissionais que cuidam dos detalhes, que garantem o bem-estar dos hóspedes, que transformam quartos em lares temporários. Mesmo diante de condições precárias, demonstram dignidade, profissionalismo e orgulho do que fazem.

Contudo, essa dedicação precisa ser reconhecida com direitos trabalhistas plenos, condições dignas de trabalho, valorização salarial, acesso à saúde e ações afirmativas contra o racismo e o machismo estrutural. Camareiras devem receber adicional de insalubridade, 13º, férias, FGTS, assistência médica e respeito – não apenas por obrigação legal, mas por justiça social.

”

Camareiras hospitalares: uma força silenciosa da saúde pública



No ambiente hospitalar, a atuação das camareiras transcende a simples limpeza, tornando-se uma peça fundamental na manutenção da saúde pública. A criticidade de suas funções é amplificada pela necessidade de higienizar e desinfetar ambientes onde pacientes estão internados, em um cenário de risco constante de contaminação por microrganismos. Com uma rede hospitalar que ultrapassa os 535 mil leitos em todo o Brasil, estima-se que dezenas de milhares de mulheres dedicam-se a essa tarefa essencial, muitas vezes sob condições de trabalho extremamente desafiadoras.

Apesar da importância inegável de seu trabalho, a realidade da maioria

dessas profissionais é marcada pela precarização. Grande parte delas é empregada por meio de terceirização, o que frequentemente as torna invisíveis aos olhos do sistema e resulta em remunerações insuficientes para cobrir suas necessidades básicas. Essa precarização não apenas compromete severamente a saúde e o bem-estar dessas trabalhadoras, que enfrentam jornadas exaustivas e exposição a riscos, mas também coloca em xeque a segurança dos próprios pacientes, uma vez que a qualidade da limpeza e desinfecção pode ser diretamente afetada por condições de trabalho inadequadas.

Conclusão: da invisibilidade ao protagonismo

Não se pode mais aceitar que a dignidade das camareiras seja trocada por metas inalcançáveis, baixos salários e jornadas abusivas. A valorização dessas mulheres deve ser uma pauta prioritária para o Estado, empresas e sociedade civil.

As camareiras são fundamentais para o turismo, a saúde e a economia brasileira. São mulheres que carregam nas costas a limpeza, o cuidado, o acolhimento – e, muitas vezes, a dor calada da exclusão. É hora de trazê-las para o centro das discussões e assegurar que sua voz, sua saúde e sua dignidade sejam respeitadas.



Camareiras – Mulheres Invisíveis



NEGUIM DA PIMENTA

